

## A INTERNET COMO ESPAÇO LITERÁRIO

### Narração e experiência no blog

Mestranda Josilene Marinho<sup>1</sup> (UERJ)

#### Resumo:

*No panorama atual das relações entre literatura e mídia, a Internet surge como um novo meio para a divulgação da obra literária. Com ela, surge um novo formato de texto, com uma escrita em primeira pessoa e, em alguns casos, a revelação de um eu até então oculto. Contemporaneamente, a mídia passou a ser um suporte universal, onde o que prevalece é a idéia de que o real não existe, pois tudo pode ser produto de uma invenção midiática. Tem-se, também, nesse percurso de relações entre literatura e mídia, a questão da figura do autor – sua morte e renascimento –, e do indivíduo contemporâneo que não consegue mais estabelecer as fronteiras entre o público e o privado. Assim, o discurso “blogueiro” é, de certa forma, confessional, produzindo uma escrita autográfica, já que ao escrever o indivíduo se produz. Contudo, no blog, também pode haver a criação de máscaras, a fabricação de um sujeito, de uma persona. Mas quem é esse sujeito que se constrói nesse espaço?*

**Palavras-chave:** Literatura, Blog, mídia

#### Introdução

No percurso da tradição literária das últimas décadas, temos a geração de 70, que surgiu com um novo modo de produção literária, a escrita marginal. Marginal no sentido de estar à margem de um sistema editorial, de estar submetido a grande recusa, a desvinculação das editoras. Essa geração buscou, assim, criar alternativas editoriais para a publicação de seus textos. Entre os últimos 10 ou 15 anos, também com o surgimento de novos veículos de divulgação da obra literária, estabeleceu-se um novo panorama na literatura brasileira. Essa geração ficou conhecida por alguns como geração 00, devido a uma certa “impossibilidade” de classificação do tipo de literatura que surgiu.

Assim, o panorama atual configura-se, sobretudo, pela diversidade da escrita. Trata-se de um momento em que não há mais correntes literárias, visto que nossos escritores não estão inseridos em um modelo/padrão estético, pois cada um escreve da forma que melhor lhe convém. Não temos mais o momento utópico de que nos fala Haroldo de Campos (1997), mas o momento pós-utópico. Isso ocorre, também, porque não há contra quem se “rebelar”, não existem “inimigos” estéticos, o que existe é a convivência pacífica entre os diversos gêneros e abordagens.

Assim, os blogueiros se inserem no meio da geração atual, a que não tem um projeto estético comum, apenas a vontade de escrever e de ser lida. Para tanto, utilizam como meio de publicação de seus textos, de divulgá-los, o *blog* - novo instrumento de divulgação da obra literária, surgido com o advento da *internet*. Ele representa, a princípio, um diário íntimo, mas sabemos que há uma certa incoerência nessa definição. Afinal, como se pode falar de intimidade em algo que é publicado em um veículo cuja divulgação é maciça? Assim, podemos deduzir que...

O que importa nos blogs é a interação conseguida com os outros leitores através do compartilhamento da emoção do instante. Suas pequenas narrativas ordenam a memória, recuperam a história do cotidiano e buscam a identidade, num dédalo de mosaicos, que se acumulam na era pós-moderna, devido à rapidez dos acontecimentos e ao excesso de informações. (LOBO, 2007, p. 53)

#### 1 O *blog* como espaço autográfico

Hoje, somos surpreendidos, o tempo todo, por uma desordenada invasão de privacidade – no *shopping*, no cinema, no banco, a qualquer momento podemos perceber que “estamos sendo filmados”. Esse fenômeno não surge sozinho, tampouco de forma isolada. Trata-se de um fenômeno que se espalha, também, pela rede mundial de computadores – a *internet*. Assim, tornou-se comum ser

observado e ter sua vida exposta em uma página da *web*. Tal exposição pode dar-se pela escrita blogueira ou pela criação de perfis em sites específicos, como *Orkut*, *Live messenger*, entre outros.

A explosão desse fenômeno acabou por fazer do *blog* um espaço no qual os autores também podem expor seus textos, fazendo com que seus leitores tenham o primeiro contato com a escrita de cada um deles. Contudo, é, também, um espaço utilizado por toda e qualquer pessoa que deseje manter um “diário virtual”, como forma de manter as pessoas informadas sobre as mais recentes notícias sobre sua vida, seja ela do meio literário ou não. Na verdade, o que observamos, no momento atual, é uma exposição deliberada do sujeito, do indivíduo. Indivíduo esse que acaba por perder, de certa forma, sua individualidade, em função de uma fabricação desordenada de *personas*.

Conceitualmente, a literatura nos obriga, a todo momento, a repensar a produção literária e a forma de se fazer literatura. A escrita do *blog* demonstra que é possível, assim como aconteceu com a geração de 70, adentrar no mercado editorial brasileiro e ser lido, conhecido – ainda que seja conhecido apenas na *web*.

Uma outra questão que surge com o advento da *internet* é que ela passa a ser uma ferramenta que permite o maior contato do autor com seu leitor, bem como a divulgação de sua obra de forma mais abrangente. Os autores passam a ter, acima de qualquer coisa, uma relação mais direta com seu público leitor. Dessa maneira, a forma de fazer literatura se modifica, pois o autor acaba, fatalmente, sofrendo uma maior influência pela opinião do leitor, fazendo, por fim, concessões em sua escrita. Inaugura-se, pois, uma nova fase do fazer literário.

Hoje, um autor que queira, de fato, atingir um público, precisa publicar no espaço da *web* - seja no *blog*, seja em sites que se voltem para a publicação literária. Ele precisa “permitir” ao leitor essa invasão. Assim, a tríade autor-leitor-mercado, da qual nos fala Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1981), passa a funcionar com outra dinâmica e o leitor passa a participar mais ativamente da obra, podendo, inclusive, vir a tornar-se o próprio personagem.

Assim, por todas essas questões levantadas acima, o tema abordado em nosso trabalho será a escrita em primeira pessoa no *blog*. Hoje, temos a presença marcante da escrita em primeira pessoa, tanto na literatura quanto na mídia. Temos uma mistura do discurso autobiográfico com o autoficcional, em que há tanto a presença de relatos pessoais quanto a mistura de fatos/dados reais com a ficção. Isso ocorre porque há um público que se interessa por esse tipo de relato e, também, um desejo de se expor. Aqui, cabe destacar a introdução da categoria do leitor no século XX, quando se passou a considerar sua recepção. Anatol Rosenfeld, em “Reflexões sobre o romance moderno”, também fala sobre o papel do leitor como aquele que “tem de participar da própria experiência da personagem.” (1969, p. 83).

Dessa forma, a questão da primeira pessoa, na literatura contemporânea, coloca em foco a discussão do próprio sujeito. Leonor Arfuch, em *El espacio biográfico* (2002), fala de uma proliferação do discurso em primeira pessoa. A mesma “constelação autobiográfica” a que Klinger (2007) se refere.

A “constelação autobiográfica” está rodeada de certa polêmica, que envolve a questão dos gêneros, pois ela se move entre dois extremos: da constatação de que – até certo ponto – toda obra literária é autobiográfica até o fato de que a autobiografia “pura” não existe. (KLINGER, 2007, p. 113)

Os gêneros clássicos em primeira pessoa - as cartas, os diários, as autobiografias, as memórias, os romances autobiográficos, os auto-retratos - contribuíram para a construção da noção de sujeito moderno. Já a escrita blogueira se insere na dinâmica do sujeito contemporâneo, que vem se definindo em outros termos, o de um discurso “forjado”, em que há a mistura de realidade e ficção - autoficção. Na autobiografia, a escrita destina-se a um leitor, além de ser um gênero que permite ao escritor um tempo maior de reflexão sobre os fatos, o que acaba por gerar uma menor fragmentação. Aqui a continuidade é construída. Para Lejeune, em *Le Pacte autobiographique* (1975), a ho-

monímia da identidade autor, narrador e personagem define não só a autobiografia, mas todos os demais gêneros de escrita íntima, como os diários. Contudo, não podemos esquecer que o diário pressupõe uma continuidade cronológica, pois o narrador escreve sobre os fatos no momento quase exato em que eles ocorrem. Nesse sentido, o diário difere da autobiografia, que tem como diferencial o retrocesso, pois permite a reflexão sobre os fatos a serem narrados. A autobiografia tem, por isso, um caráter mais seletivo da memória.

A escrita do *blog*, por apresentar o relato de um ponto de vista particular, se aproxima muito da escrita do diário – gênero íntimo, mas que se dirige a um outro. É importante destacarmos que embora o diário se configure como uma escrita íntima, também se destina a um outro, a um interlocutor, ainda que esse outro seja ficcional. Ele não pressupõe, necessariamente, uma leitura, mas um destinatário. O *blog* funciona como um diário íntimo, construído cronologicamente e com uma atualização constante. Funciona, muitas vezes, como um espaço que possibilita o exercício literário. Contudo, possui uma escrita mais fragmentada que a do diário. É uma escrita mais próxima do acontecimento e com um tom que pode variar do íntimo confessional ao da crítica/opinião sobre diversos assuntos. No *blog*, diferente do diário, espera-se uma resposta do leitor, uma espécie de retorno. Nesse sentido, ele seria uma reconfiguração das características do diário.

Através da escrita do *blog*, percebemos que, na narrativa contemporânea, temos a fragmentação do eu, já que o discurso blogueiro é totalmente fragmentário, assim como o diário. Poderíamos dizer, em certo sentido, que o *blog* mistura um pouco dos gêneros memória e correspondência. O primeiro tem um foco mais público, uma visão pessoal, mas que compreende, também, um período histórico e externo. Já o segundo é um texto escrito para alguém, tem um destinatário específico. É um texto menos contínuo e tende a uma maior fragmentação.

Paradoxalmente, o *blog* apresenta um caráter íntimo e ao mesmo tempo público, o que levanta um debate sobre a incoerência dessa definição, discussão feita, também, por Denise Schittine em *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*:

Um diário, paradoxalmente, público, feito para ser publicado diariamente na internet e para ser lido. Baseado também na escrita íntima, nas pequenas misérias cotidianas, nas opiniões e inquietações do autor, mas admitindo um elemento novo: um público leitor. Admitindo, porque, pela primeira vez, pressupõe-se que o escrito íntimo é algo feito com o intuito de ser desvendado e comentado. (SCHITTINE, 2004, p. 61)

Ele se insere, logo, em uma reflexão sobre as novas formas de narrativas de si e da subjetividade na atualidade, comparadas com outras formas de narrativas autobiográficas, e ficcionais, associadas à noção de indivíduo moderno. Percebemos, a princípio, uma exteriorização da vida privada e, fatalmente, o declínio da interioridade. Contudo, percebemos que há, ao contrário disso, uma superexposição do sujeito.

O diarista cria, mesmo escrevendo para um público de estranhos, maneiras de fazê-lo participar ou não de sua vida íntima. Nem tudo é revelado porque existe uma seleção prévia, mas, principalmente, porque este autor estabelece uma maneira de contar a sua intimidade em meias palavras. De forma que determinadas informações sobre quem escreve só chegam a um grupo de pessoas escolhidas pelo autor. (SCHITTINE, 2004, p. 19)

Esses tipos de narrativas podem ser vistas como atos performativos, através dos quais o indivíduo se produz. A pergunta que muitas vezes se faz é “quem é essa primeira pessoa que se mostra?”. É o indivíduo moderno, aquele que vai construindo sua individualidade a partir daquilo que escreve, que vai se conhecendo e se construindo como sujeito?

Assim, as fronteiras entre o público e o privado vêm diminuindo cada vez mais, perdendo suas delimitações. Nesse sentido, o discurso “blogueiro” é, de certa forma, confessional, produzindo

uma escrita autográfica, já que, ao escrever, o indivíduo se produz. O fato é que, sendo o discurso autográfico ficcional ou real, ele é sempre reflexivo. Dessa forma, o ato da escrita contemporânea seria a tentativa de reconstruir esse eu, ainda que ficcionalizado. Essa escrita funciona, pois, como uma função de recomposição do sujeito, de um sujeito que constrói sua subjetividade através do que escreve. Por isso, podemos dizer que temos a mistura da experiência pessoal com a social funcionando como uma busca pelo autoconhecimento.

Outra questão é que o *blog* caracteriza-se, algumas vezes, por uma intenção deliberada de mentir. Sendo assim, cria-se o questionamento de até que ponto o que é contado é mentira ou verdade. Mas o que é, de fato, a verdade e a mentira? Nietzsche, em *Acerca da Verdade e da Mentira* (2005), fala sobre a arte da dissimulação do homem, sobre a necessidade e, quase, instinto de sobrevivência que o homem tem pela ilusão. Assim, ele cria, fantasia, acerca de sua própria realidade, criando máscaras diante de si e dos outros.

Que é que o homem no fundo sabe acerca de si mesmo? Sim, se ele conseguisse, ao menos uma vez, perceber-se completamente como se estivesse metido num expositor de vidro iluminado!

[...]

Na medida em que o indivíduo se quer conservar relativamente aos outros indivíduos, este, na maior parte das vezes, utiliza o intelecto num estado natural das coisas, somente para a dissimulação.

[...]

O mentiroso utiliza as designações válidas, as palavras, para fazer com que o irreal pareça real. (p. 8-9)

É aqui que entra o estatuto da autoficção. Destarte, cabe ao leitor decidir se vai ler o *blog* como realidade ou como ficção, já que as fronteiras entre memória afetiva e fingimento são cada vez mais tênues. Entre o real e o ficcional também. Por esse motivo dizemos que o *blog* possui um caráter mais teatral, pois faz uso, na maioria das vezes, da *performance*, da atuação, da criação de um *eu* que não existe. Logo, podemos considerá-lo, muitas vezes, com uma escrita forjada.

O *blog* tem tudo a ver com o teatro, dramatização, performance, atuação, expressão da emoção, feita de dentro para fora, numa era em que tudo é regulado de fora para dentro. A dramatização libera as fantasias, permitindo a insubordinação contra o discurso coerente e ordenado, determinado pela narrativa linear do discurso masculino. (LOBO, 2007, p. 52)

Verdade e mentira são, portanto, conceitos relativos e, de certa forma, muito pessoais, já que cada um possui um conceito formulado de verdade.

## **2 Escritores-blogueiros ou blogueiros-escritores?**

Na década de 70, tivemos um novo modo de produção literária. Momento em que autores marginalizados, principalmente poetas, passaram a publicar seus próprios livros sem a necessidade de uma editora, adquirindo o rótulo de “marginais”, conforme dissemos anteriormente.

Hoje, o *blog* tem funcionado como uma espécie de divulgação do “rascunho” de uma obra, ou seja, escritores que desejam ter sua obra publicada passam a divulgá-la na *internet* e, posteriormente, acabam por publicar seus textos em livro. Assim, o *blog* funciona como um instrumento de descoberta de novos escritores que se formaram na blogosfera, ou seja, que não tinham nenhuma obra anterior, ou até mesmo que sequer pretendiam publicar algo, mas acabaram por fazê-lo, tamanho o sucesso atingido por seus textos – esses são os blogueiros-escritores.

De outro lado, temos, também, aqueles que já são escritores e utilizam o *blog* para divulgar sua obra, o que é muito comum hoje - esses são escritores-blogueiros. Segundo Italo Moriconi, em

“Blogueiros na Berlinda”, a geração atual “é uma geração mais *linkada* a uma literatura surgida a partir do suporte da internet. Às vezes, nem existem referências literárias, a inspiração pode estar vindo do próprio umbigo do escritor, como no caso dos blogueiros.”. (MORICONI & CARNEIRO, 2004).

Em *e-mail* trocado com Cecília Gianetti, em 02 de fevereiro de 2008, a escritora informou que seu *blog* funciona como um veículo para divulgar seus livros. Já Luciene Azevedo, em “Blogs: a escrita de si na rede dos textos”, cita como exemplo Clarah Averbuck, que investiu na explosão do *blog*, inicialmente, escrevendo na rede em formato de diário virtual. Seu primeiro livro, *Máquina de Pinball*, funciona como um “grande mosaico” de suas histórias que circulavam na *internet*. (AZEVEDO, 2005, p. 2).

Dentro da questão dos *blogs*, cabe a pergunta: até que ponto os *blogs* são um espaço de experimentação? Aqui, é possível pensarmos, novamente, na questão da autoria. Na definição comum, autor é alguém que assina um texto. No entanto, o que define, efetivamente, a figura de um autor e seu valor literário? Que perfil o texto autográfico, da atualidade, possui?

O que é um nome de autor? E como funciona? (...) O nome de autor é um nome próprio; põe os mesmos problemas que todos os nomes próprios. (...) É mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontando para alguém; em certa medida, é o equivalente a uma descrição. (...) um nome próprio não tem uma significação pura e simples (...) O nome próprio e o nome de autor encontram-se situados entre os pólos da descrição e da designação; têm seguramente alguma ligação com o que nomeiam, mas nem totalmente à maneira da designação, nem totalmente à maneira da descrição: ligação específica. No entanto – e daqui derivam as dificuldades particulares do nome do autor –, a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome de autor com o que nomeia, não são isomórficas e não funcionam da mesma maneira. (FOUCAULT, 1992, p. 42-3).

À pergunta “*Blog* é literatura?” Flávio Carneiro, em “Blogueiros na Berlinda”, responde que em função do conceito de literatura ser muito amplo, pode abrigar várias formas de escrita, entre elas o *blog*. Contudo, segundo ele, ser boa literatura é outra questão, pois “são autores que não dominam o ofício, que têm um mínimo de técnica e um máximo de presunção”. (MORICONI & CARNEIRO, 2004). Sobre essa discussão, acrescentamos, ainda, Silviano Santiago que, em “Prosa literária no Brasil”, fala do problema da falta de profissionalização do autor:

Três problemas surgem quando ele quer profissionalizar-se sem ser profissional. Há o perigo de o romancista perder a sua identidade e papel social, transmitidos pela tradição ocidental, recebendo como máscara modernizante uma contrafação caricatural dos frenéticos produtores de *mass media*; há a ameaça de que a mercadoria que o romancista produz, não guardando mais o perfeccionismo e a gratuidade comercial da produção diletante e artesanal, seja apressada e descosida, insossa, atendendo que está exclusivamente às leis do mercado insaciável; há, enfim, a possibilidade de o candidato habilitar-se à carteira profissional de escritor sem conhecer o ofício, virando, para usar uma velha expressão de André Gide, um “moedeiro falso”. (SANTIAGO, 2002, p. 26)

Sendo assim, é necessário pensarmos a literatura não só como análise do texto, mas no contexto da cultura também. A geração contemporânea tem muito forte a questão da pluralidade. Assim, o meio influencia e altera a figura do “eu”, de si, na escrita.

### **3 A relação entre literatura e mídia na contemporaneidade**

O *blog* é um texto em primeira pessoa que estabelece uma relação profunda com o meio em que é publicado – a *internet*. Esse novo meio traz uma mudança para o formato do texto que é escrito por essa primeira pessoa. No século XIX, a relação com a Imprensa (mídia) foi fundamental para o processo literário. Isso ocorreu em função dos autores terem passado a publicar, também, pensan-

do na questão financeira. O jornal era um meio do autor chegar até o público, sem que fosse necessária a mediação de uma editora. A *internet* acabou sendo um meio ainda mais fácil do texto chegar direto ao leitor, já que a marca registrada dos *blogs* é a interatividade, que permite a contribuição dos leitores.

A escrita no *blog* serve como um espaço para o registro do momentâneo/passageiro, mas é utilizada, na maioria das vezes, para escritas pessoais que podem narrar tanto a felicidade quanto a frustração. Assim, a proposta inicial desse instrumento de divulgação da escrita é a de relatar o cotidiano, fatos do dia-a-dia, como um diário, mesmo que não seja com uma forma totalmente íntima. Segundo Blanchot, a escrita do Diário tem um compromisso com o calendário. Em certo sentido, o *blog* também o tem, pois se preocupa, assim como o primeiro, em relatar o instante, o cotidiano. No *blog* podemos ter a criação de personagens ou *personas*.

Em “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, Walter Benjamin (1987) fala sobre o papel da reprodução da arte. Para ele, a difusão da cultura por todas as classes sociais proporcionaria o surgimento de um novo tipo de arte que romperia com os conceitos tradicionais. Disso, podemos inferir que a mídia, hoje, passou a ser a mediação universal, onde prevalece a idéia de que o real não existe, sendo tudo produto de uma invenção midiática, podendo o real romper de repente. Podemos dizer, pois, que tudo é ilusório, tudo é imagem virtual. Sendo assim, nós vivemos, graças às ficções e invenções que criamos, em um mundo imaginário.

A estrutura já está modificada e não podemos voltar atrás. Portanto, a “nova arte” seria inevitável, pois a reprodução técnica já alterou inclusive o conceito tradicional de arte.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. "A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas". \_In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- [2] ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- [3] AZEVEDO, Luciene. “Blogs: a escrita de si na rede dos textos”. In: Encontro Regional da ABRALIC, 10, 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos... Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- [4] BARTHES, Roland. “A morte do autor; Da obra ao texto”. In: —. *O rumor da língua*. São Paulo/Campinas: Brasiliense/Ed. da Unicamp, 1988, p. 65-78.
- [5] BENJAMIN, Walter. “O narrador” e “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. \_In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; vol. I).
- [6] CAMPOS, Haroldo de. “Poesia e modernidade: da morte do verso à constelação. O poema pós utópico”, in: *O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- [7] CANDIDO, Antonio. Prefácios e Introdução. In: *Formação da Literatura Brasileira*, vol. 1. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 6ª ed. 1981.
- [8] CARNEIRO, Flávio. “Das vanguardas ao pós-utópico: ficção brasileira no século XX.” In: No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- [9] FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?” e “A escrita de si”. In: —. *O que é um autor?* 3ed. Lisboa: Passagens, 1992, p. 29-87; 129-60.
- [10] JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo, Ed.Ática, 1996.
- [11] JOBIM, José Luís (org.). *Literatura e informática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

- [12] HOLANDA, Heloísa Buarque de. Portal Literário. Disponível em: <http://portalliteral.terra.com.br>. Acessado em: 21/10/2007.
- [13] KLINGER, Diana Irene. “A Escrita de si – o retorno do autor.”. In: *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 19-62.
- [14] LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. In: —. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1996 [1975], p. 13-46.
- [15] LIMA, Luiz Costa. “Júbilos e misérias do pequeno eu”. In: —. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 243-309.
- [16] \_\_\_\_\_. “Persona e sujeito ficcional”. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- [17] LOBO, Luiza. *Segredos Públicos - Os Blogs de Mulheres no Brasil - Idéias Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.
- [18] MATTOS, Claudia Valladão de. “Hal Foster e o debate sobre o pós-moderno: uma introdução à tradução do texto ‘O retorno do real’”. In: CONCINNITAS – Revista do Instituto de Artes da UERJ Ano 6 – Vol. 1 – N. 8 – Julho de 2005.
- [19] MIRANDA, Wander Melo. A ilusão autobiográfica. In: —. *Corpos escritos*. São Paulo: Editora Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p. 25-41.
- [20] MORICONI, Ítalo. “Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa)”. In: *Gragoatá*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFF, Niterói, nº. 20, 2006.
- [21] \_\_\_\_\_ & CARNEIRO, Flávio. “Blogueiros na berlinda”. Entrevista a Paula Barcellos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2004.
- [22] NATALINO, Nelson & FELIX, Ale (Org.). *Blog de Papel*. São Paulo: Editora Gênese, 2005.
- [23] ROSENFELD, Anatol. “Reflexões sobre o romance moderno”. In: *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969, PP. 75-97).
- [24] SANTIAGO, Silviano. “Prosa literária atual no Brasil”. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- [25] SCHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e cultura*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 72-86.
- [26] HALL, Stuart. “Nascimento e morte do sujeito moderno”. In: \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 23-46.
- [27] SCHITTINE, Denise. *Blog : Comunicação e Escrita Íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- [28] SÜSSEKIND, Flora. “Ficção 80: dobradiças & vitrines”. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.
- [29] \_\_\_\_\_. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- [30] VIEGAS, Ana Cláudia. A “invenção de si” na escrita contemporânea. In: JOBIM, José Luis & PELOSO, Silvano. *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro/Roma: Casa Doze Edições/ Instituto de Letras da UERJ/ Universidade de Roma La Sapienza, 2006, p. 11-24.
- [31] \_\_\_\_\_. “Diários na rede – escrita contemporânea entre vida e obra, tela e página”. *Matraga*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 17, p. 141-55, jan./dez. 2005.

---

**Autora**

<sup>1</sup> **Josilene MARINHO, Mestranda**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Instituto de Letras

josimarinho@gmail.com